

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLI)

A LONGA E INESQUECÍVEL VIAGEM

Quantos segredos permaneceram para sempre nos precários alojamentos de terceira classe dos navios. Quais seriam os sentimentos daquela gente rude, simples e angustiada ao deixar para trás toda a sua história? Os registros escritos são escassos. Para os descendentes de terceira e quarta gerações restam retalhos de histórias passadas de pais para filhos. Em geral, são histórias de sofrimento, de tempestades, de naufrágios, de tratamento desumano, de alimentação precária, de falta de higiene, de lágrimas e de mortes. Parece que nada de bom aconteceu. Provavelmente, a comparação com o tráfico de escravos, sempre acentuada pelos pesquisadores, tenha colaborado para manter a idéia de uma viagem maldita. Há muito de verdade nestes relatos, mas não é toda a verdade. Certamente, na maioria dos casos, não se pode comparar à uma viagem de turismo. Entretanto, apesar de todas as adversidades, é possível detectar alguns elementos positivos. Veremos mais adiante.

Três pontos devem ser observados. Em primeiro lugar as generalizações. Todas as viagens não eram iguais. Segundo, é fundamental reconhecer que houve muitas diferenças graças ao estado do navio, à tripulação e à situação climática. Por fim, não se pode esquecer o gênio e os comportamentos diferenciais dos próprios emigrantes com interesses e destinos diferentes. O que dificultava a convivência. O estado de ânimo reinante no início pode ter influenciado toda a viagem. E tudo indica que o começo não foi marcado pela alegria do embarque, mas por certo grau de arrependimento, de tristeza e de incertezas.

Neste sentido nada melhor que transcrever algumas passagens do diário de Andrea Pozzobon, um dos poucos que resolveu redigir um diário, iniciativa que repetiu nas duas viagens - (1905 e 1911) - que fez de retorno à Itália. Ele começa dizendo que "ninguém quer ser o primeiro a entrar, como se o vapor fosse uma jaula de ursos. Finalmente, vai e não vai, entram a muito custo e com extraordinária má vontade. Se pudessem retornar a suas casas teria sido muito diferente. Mas a sorte está lançada, é preciso acomodar-se". E, de maneira mais poética, continua: "Se o farol de Gênova, com suas brilhantes chamas, pudesse falar, teria dito: voltai para trás, meus filhos; no estrangeiro não sereis mais italianos; quem perde a Itália, perde tudo". E, para completar esse convite ao arrependimento de emigrar, acrescentou: "Bendito aquele que, embora na miséria, pode fechar os olhos a seus genitores e a si mesmo onde nasceu – onde foi batizado e onde, talvez, por centenas de anos seus ancestrais sepultados desejariam incluí-lo entre os membros de sua família". Por sua vez Lorenzoni escreveu: "Lentamente, quase a contragosto, movimentava-se o navio e um sentimento de imensa tristeza apoderava-se do coração de todos aqueles seres. Irreprimíveis lágrimas escorriam pelas suas faces".

Esses sentimentos de tristeza ao separar-se definitivamente da pátria, sem dúvida, estão vinculados ao fato de que a emigração foi um gesto forçado pelas circunstâncias.

Por fim, Andrea mostra que, frente aos fatos irreversíveis, surgem reclamações femininas, mais ou menos generalizadas. "Quantas mulheres com os cabelos desgrenhados increpam os maridos que quiseram dar aquele passo".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLII)

OS PRIMEIROS CONTRATEMPOS DO EMBARQUE

Para quem sempre teve como referência as montanhas ou as planícies da Itália, deve ter sido uma experiência, jamais imaginada, permanecer durante trinta ou quarenta dias entre o mar e o céu. Quem viveu nos limites de seu vilarejo, certamente, se assustou ao ver-se entre os limites do horizonte, embora enclausurado nos estreitos compartimentos de um navio. E, para todos os que buscam entender essa grande aventura, surge a curiosidade para saber o que aconteceu. Há mais perguntas do que respostas. Muito do que se conta é duvidoso. Uma coisa é certa, houve muitas diferenças. O clima da viagem dependia de três fatores fundamentais: a qualidade do navio; as variações climáticas; o grupo de imigrantes.

Quanto aos navios, sabe-se que a marinha mercante italiana não possuía vapores suficientes para transportar os emigrantes, por isso a maior parte das viagens era efetuada por embarcações de nacionalidade francesa, inglesa, austríaca e alemã. Alguns conflitos surgiam devido a dificuldade de comunicação ou mesmo por animosidades históricas.

Os relatos escritos de três emigrantes, com experiências muito diferentes, podem nos dar uma idéia de como eram esses navios. A começar pelo relato positivo de Júlio Lorenzoni: "Feita a nossa entrada triunfal no lindo vapor, magnífico porque naquela época o "Colombo" era dos bons vapores para o transporte de emigrantes...". A experiência de Andréa Pozzobon, ao contrário, foi muito negativa. "Quem escreve (ele) estas linhas teve a desventura de embarcar no navio de nome "Poitou" de triste memória e, como se pode ver pelo seu famoso nome, era francês, bem como o comandante e também a tripulação". A mesma experiência parece ter vivido Antônio Mottin: "Chegara o dia 10 de outubro, o navio de nome Giuseppe Garibaldi estava lá, negro, enorme, mal cheiroso, aguardando as levas de passageiros, na sua maioria, emigrantes".

A respeito das relações dos emigrantes com a tripulação, infelizmente, não foi possível encontrar maiores informações. Tudo indica que não houve maiores complicações. Isto porque caso houvesse algum fato grave poderia acarretar à empresa marítima a perda do contrato para o transporte de emigrantes. O mesmo pode-se dizer a respeito de todos os serviços prestados aos emigrantes, evidentemente, dentro das possibilidades daquele tempo.

As maiores queixas eram referentes à comida, não pela falta, mas pela qualidade que, na maior parte das vezes, consistia no tipo de preparação ou de comida, especialmente quanto ao feijão e às carnes de odor suspeito. À época não existiam frigoríficos.

Para concluir esta página de primeiros contratempos é bom registrar alguns atritos, descritos por A. Pozzobon, entre os emigrantes e a tripulação francesa. "Deveras, nossos irmãos franceses continuamente nos dirigiam nomes ignóbeis e humilhantes: vadios, molengas, poltrões. Não se recebia conforto de ninguém. Diante dos que sofriam o mal do mar eles davam gargalhadas". Essa animosidade com os franceses, parece que vinha de mais longe. A. Mottin, ainda na Itália, ouvia sua mãe dizer: "Guarda, Toni, i francesi sono porchi" (Observa, Toni, os franceses são porcos).

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLIII)

OS MAIORES CONTRATEMPOS

Os relatos mais repetidos, ainda hoje, sobre as viagens dos emigrantes giram em torno dos contratempos por eles suportados. Antes de falar diretamente destes acontecimentos, é bom lembrar que naquele tempo a navegação estava num estágio infinitamente inferior ao atual. Por isso, para quem analisa os fatos a partir da avançada navegação atual, os contratempos se tornam muito maiores. E, também, não se pode generalizar como se todas as viagens tivessem que passar, obrigatoriamente, pelas mesmas dificuldades. Algumas, por serem inevitáveis, quase sempre ocorreram. Vejamos:

1. O mal do mar é o fenômeno do balanço do navio que provoca desconfortos, mais ou menos graves, na maioria dos passageiros, em especial, no nosso dos emigrantes, em pessoas idosas, mulheres grávidas e crianças. Andrea Pozzobon assim o descreve: "Pouco depois de levantadas as âncoras, começou o "mal do mar" com vômitos e vertigens. Maridos semi-desesperados acudiam mulheres e seus filhotinhos".

2. As tempestades. Certamente todos os navios, que cruzam os mares, não escapam do enfrentamento com possíveis tempestades. A diferença entre as tempestades está na intensidade e na duração. A situação, no tempo das emigrações, tornava-se mais perigosa devido à fragilidade das embarcações. Pozzobon, novamente, registrou: "Certa noite arma-se uma tormenta de verdade. Então, pavor indescritível: rosários, ladainhas e misereres para acalmar a ira divina".

3. As mortes. Outro contratempo, lembrado com muita emoção e intensidade, é o surgimento de mortes de emigrantes e o conseqüente e doloroso lançamento do cadáver ao mar. Dificilmente uma viagem acontecia sem algum falecimento. O ponto a ser considerado refere-se ao número de mortes. Alguns relatos falam em muitas mortes, quase mortandades, em geral, atribuídas às péssimas condições de viagem. Pesquisas, mais recentes, mostram que números de mortes não são tão altos. Além disso, a causa da morte deveu-se mais ao estado de saúde dos emigrantes, já debilitada antes do embarque. Fato que pode ser comprovado pelas estatísticas sobre a incidência de doenças, particularmente a famosa pelagra, entre os italianos na segunda metade do século XIX. Não se pode esquecer que havia a bordo assistência médica, como atesta Júlio Lorenzoni,

4. Naufrágios. Falar em naufrágios, provavelmente, não corresponde aos fatos. Os registros históricos confirmam apenas um naufrágio, o do Sírio, quando ninguém se salvou. Esse fato está imortalizado pela dolente canção freqüentemente ouvida entre nós, que assim começa: "Quando da Gênova, Il Sírio partiva ..." Há também referência a um outro naufrágio, pouco lembrado, acontecido em La Rochelle, nas costas da França. De fato, o que aconteceu teria sido apenas um grave avario que forçou a suspensão da viagem. Ninguém morreu. Os passageiros voltaram a Gênova. Alguns teriam desistido de emigrar voltando a suas casas de origem. Outros embarcaram em outro navio e, sem maiores problemas, retomaram a viagem para o respectivo destino.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLIV)

SEM PREPARAÇÃO PARA EMIGRAR

Quando se fala sobre o processo de emigração, geralmente se sublinham dois pontos. Um trata das causas, baseadas na situação de penúria e abandono das populações pobres e camponesas. Outro se refere aos grandes atrativos, nem sempre corretos e verdadeiros, propalados pelos agentes de emigração. Há, entretanto, um ponto do qual não fala, talvez porque, naquele tempo, não era um tema importante para os historiadores e estudiosos do fenômeno das migrações. Migrar de um lugar para outro era tratado como um fato natural sem maiores conseqüências para os migrantes. Hoje, sabe-se que a questão das migrações é um tema polêmico sob o ponto de vista social, político e econômico, especialmente em relação ao direito de migrar para conseguir melhores condições de vida. Basta acompanhar os noticiários da imprensa sobre os fatos repressivos que estão ocorrendo nos Países Europeus e nos Estados Unidos.

O fato concreto, em relação aos emigrantes do final do século XIX, é que não consta nenhuma preocupação sobre as possíveis repercussões emocionais e psicológicas dos emigrantes. Os estudos, também, não revelam ter havido alguma preparação do emigrante neste sentido. Decidia-se em nome de uma esperança de vida futura melhor, e tudo, aparentemente, ficaria resolvido.

Hoje, com os avanços da psicologia, observa-se que certas alterações de comportamento dos emigrantes estão vinculadas à recusa, ainda que inconsciente, de se separar definitivamente da terra natal e romper os laços afetivos com pessoas, parentes ou não, com quem convieram longos anos, tudo acrescido com as conseqüentes dificuldades de adaptação à nova Pátria.

Os manuais de história do Brasil, estudados na escola, narram que escravos africanos morriam de mal estranho, conhecido como banzo, que nada mais é do que uma mortal nostalgia de sua terra e de seu povo. No caso dos emigrantes italianos, a incidência desta saudade mortal da terra natal não era freqüente, mas alguns casos ocorridos, especialmente entre os jovens e os mais velhos. Um fato, por exemplo, ocorrido na Colônia de Silveira Martins, uma moça, cujo namorado ficara na Itália, um belo dia começou ficar doente, recusava-se a comer e a falar. Em pouco tempo morreu. Todos se referiam ao fato como uma doença desconhecida. Muitas vezes a decisão de emigrar não era partilhada por toda a família, mas mesmo quando houvesse concordância esta suposta doença desconhecida podia afetar adultos, como no caso do velho Matheus. Numa manhã levantou-se indisposto, sem anteriores sintomas, voltou para a cama, mandou chamar os filhos para as últimas recomendações, pediu o Padre e, em seguida, faleceu.

Alguns estudiosos concluíram que o fato de ter havido bastante ocorrência do alcoolismo, seria uma manifestação da difícil adaptação à nova vida e à difícil ruptura com o ambiente do próprio vilarejo. Daí se pode entender o forte apelo às forças divinas e o empenho em reconstruir, na nova Pátria, a terra natal, a começar pela igreja e o campanário.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLV)

ETERNIDADE, SURPRESAS E CURIOSIDADES

Uma viagem que, para muitos, foi a primeira e a última, se transformou numa eternidade entre o céu e o mar ou, melhor dito, entre a Itália e o Brasil. Fica difícil imaginar o que pensaram esses emigrantes, acostumados ao trabalho do nascer ao por do sol, de repente verem-se confinados num espaço diminuto junto com mil e quinhentas ou mais pessoas, na maioria desconhecidas.

Pouco se sabe sobre as atividades nas horas livres. E eram muitas. Antônio Mottin, que emigrou em 1924, faz o seguinte depoimento: "Os dias de monotonia se sucedem com pouca ou nenhuma novidade. Alguma festa para os casais, algumas brincadeiras para as crianças, tudo muito simples e parco. Pela manhã havia missa celebrada pelo capelão e era bastante concorrida". Provavelmente, nas viagens anteriores, no início da emigração as horas livres deviam ser muito mais monótonas, mas havia algum consolo. Por exemplo, as refeições estavam asseguradas, sem maiores esforços do que dirigir-se aos refeitórios. Para a maioria, inclusive, eram mais abundantes do que nas próprias casas, talvez, embora sem o mesmo tempero e sabor.

Havia também as surpresas como a da diversidade de dialetos. É bom lembrar que poucos falavam o italiano, a língua oficial do Reino da Itália. Nem sempre a compreensão era possível, especialmente, para as crianças. Na hora de dormir, um fato novo estranho. Todos esperavam que cada família tivesse sua acomodação. Mas não, havia o dormitório para os homens. Para as mulheres e crianças havia outro dormitório.

As curiosidades maiores ficaram por conta da diversidade de peixes, que apareciam entre as ondas do mar e, como os golfinhos, acompanhavam os navios. Mas a maior curiosidade aconteceu diante dos negros. Pio Busanello relatou: "Mas o que mais admiração provocou nas crianças, foi a presença de homens, mulheres e também crianças, todos pretos de dentes alvíssimos, nas ilhas Canárias. Um emigrante de poses jogava moedas ao mar que os negrinhos mergulhavam e voltavam com elas na boca. Um teria mergulhado por baixo do navio e saído do outro lado, recebendo uma gorda gorjeta". Não foram somente as crianças que se admiraram das habilidades e da dos negrinhos mergulhadores. Essas, talvez, ficaram mais atentas aos mergulhos, enquanto os adultos observaram mais os traços da raça negra.

Júlio Lorenzoni, em seu diário, registrou que, ao chegar a São Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde, todos admiraram as terras tropicais, desconhecidas deles, com suas montanhas sem nenhuma vegetação, com as frutas, laranjas, bananas, limões, vendidas idas pelos nativos. E completa: "Tive tempo suficiente para examinar esses negros tipos característicos da raça etíope, com o lábio inferior grosso e saltado, de cabelos pretos e crespos, olhos grandes e expressivos, nariz largo e achatado e com o cheiro tão pronunciado de suor, que em português é conhecido por "catinga". Para nós, italianos, tudo isto era estranho, pois nunca tivéramos oportunidade de ver tantos espécimes desta raça juntos".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLVI)

O HORIZONTE DA ESPERANÇA E UM IMPREVISTO

O navio continuava sua trajetória de uma viagem sem retorno. Quando, ao meio das turbulências, surgisse o desânimo ou, até, o arrependimento, o recurso maior era confiar na Divina Providência, como eles testemunharam aos seus filhos e netos, já vitoriosos em suas colônias e diante de mesas fartas. É bom não esquecer que, a rigor, não se trata de um projeto de emigração, mas da fuga de uma pátria ingrata, que fora unificada para os outros, não para eles. Assim, à medida que o continente africano e as terras de Cabo Verde desapareciam à suas costas, os olhares se estendiam na linha do Ocidente que, a qualquer momento, o horizonte poderia retirar a cortina que escondia a nova Pátria. Com esses sentimentos se exclamava: "Viva l'América che no si conosce e no se sa ove sia". (Viva a América que não se conhece e não se sabe onde está). Assim, sempre que algum sinal no horizonte pudesse indicar a proximidade das novas terras, tão sonhadas de fartura e de bem-estar, aumentava a esperança em substituição a um misto de saudade e de revolta contra uma Terra Natal que os deserudara.

As montanhas de Cabo Frio foram as primeiras terras brasileiras que apareceram no horizonte. Os emigrantes italianos que se destinavam à Argentina, narra A. Pozzobon, gritaram: "estamos chegando na Argentina". Pouco se fala de que nem todos os navios traziam emigrantes exclusivamente para o Brasil. Havia emigrantes que se destinavam ao Uruguai, à Argentina e, até, ao Chile. Outro aspecto, pouco lembrado, revela que a República Argentina estava em primeiro lugar na opção dos emigrantes. Ela era classificada como o paraíso de delícias e de riquezas. Ao contrário do Brasil, como escreveu Pozzobon, que era chamado o grande cemitério dos emigrantes, por causa da febre amarela que matava perfidamente os europeus que ousassem por pés nele. Agentes, pagos por plantadores argentinos, mostravam o Brasil como o matadouro da raça humana, especialmente européia.

A respeito da febre amarela, fato pouco lembrado, Júlio Lorenzoni relata a seguinte experiência: "Recordo-me de que, no dia de São José, quis ir com alguns companheiros da minha idade até a cidadezinha (Itajaí), para assistir a missa, mas confesso que fiquei deveras impressionado com o que vi. Não tínhamos percorrido mil metros, na estrada que conduzia a Itajaí, quando avistamos dois policiais parados ao lado de uma vasilha de ferro, onde estavam queimando enxofre, ácido fênico e outros desinfetantes. Tivemos de passar, um a um, por sobre aquela fumaceira e, isto, por mais de três vezes antes de chegar à cidade".

Provavelmente poucos imigrantes passaram por esta experiência, embora se saiba que era uma epidemia incontrolada. Não é preciso lembrar que o problema da febre amarela, no Brasil, somente foi enfrentado seriamente a partir do início do século vinte, em particular, quando Oswaldo Cruz assume, em 1903, a coordenação do programa de erradicação da malária através da obrigatoriedade da vacinação.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLVII)

ALEGRIA, SURPRESAS E REVOLTA

Os navios, que traziam os emigrantes, não seguiam exatamente a mesma rota, especialmente na chegada. Por exemplo, o navio Poitou, de bandeira francesa, no qual viajava Andréa Pozzobon, entra no Rio de Janeiro. Ele descreve animadamente a vista da cidade com essas palavras poéticas: “uma estrela caída do céu, que estremece toda alma que ama o belo”. O desembarque dos imigrantes, entretanto, se deu na “Ilha das Flores”, que, também, ele a define como “um paraíso terrestre”.

A sua surpresa maior acontece neste encontro surpreendente, por ele descrito: “Dom Pedro II dignava-se visitar os imigrantes e que, especialmente para com os italianos, manifestava cordial atenção e afeto. Quem escreve falou com o memorável monarca e teve a honra de apertar-lhe respeitosamente a mão”. Certamente, essa atenção do governante brasileiro, dada aos emigrantes, deve ter deixado neles uma ótima impressão, ao contrário do descaso recebido dos governantes da Itália. Entretanto tal recepção de boas-vindas, não aconteceu com todos os grupos de emigrantes.

Por exemplo, a experiência, relatada por Júlio Lorenzoni, é muito diferente. Ele escreve no seu diário que o seu navio, Cristóvão Colombo, “Manteve-se a regular distância do litoral, deixando sempre à direita o Rio de Janeiro, Santos e Santa Catarina, e, finalmente, no dia seguinte, perto do meio dia, o “Colombo” jogava a âncora à distância de trezentos metros da ilha de Santa Cruz, pequena fortaleza situada na vizinhança de Florianópolis”. A sua impressão da ilha, ainda que ostentasse uma fortaleza no estilo dos antigos castelos italianos, foi muito deprimente. Em primeiro lugar a fortaleza estava quase em ruínas e a recepção nada acolhedora. Vejamos, resumidamente, o que ele escreveu. “Depois de duas horas atracados, chegavam as autoridades competentes que, feita a visita imposta pela lei, davam ordens para o desembarque que durou até a noite do dia seguinte, o que era feito com barcas até a praia, onde eram deixados os emigrantes com seus pertencentes. O desencanto continua, pois a primeira noite tiveram que dormir sobre a terra nua. Somente, diz ele, no segundo dia, depois do desembarque, chegou a comissão que deveria recepção-los, trazendo alguns víveres. Além da alimentação precária, ninguém conhecia o idioma local para fazer suas reclamações. Depois de cinco dias retomaram a viagem para Itajaí, onde foram gentilmente recebidos pelo Conde Nava, encarregado do recebimento dos emigrantes.

Voltando ao grupo de A. Pozzobon, que já estava em Santos, onde ocorreu a revolta. Foi assim: “Os plantadores santistas, que precisavam de braços para as plantações e colheita de café, esforçavam-se para que os emigrantes italianos ficassem em São Paulo. Na base de mentiras foram para lá levados”. Os 700 italianos enganados, todos tinham decidido emigrar para o Rio Grande do Sul pela similaridade de clima e das atividades agrícolas. Ao descobrir a falcatura, rebelaram-se e mandaram o seguinte telegrama: “Ministro Exterior – Roma: setecentos emigrantes italianos constrangidos pedem providências condução Rio Grande lugar destino Cônsul contrário”. O Cônsul Geral, informado do ocorrido, vai à Casa de Emigração e, raivoso, diz: “Ide ao Rio Grande imediatamente, permaneçam na estação e sereis transferidos ao lugar do vosso destino”. Tudo acabou, sem maiores conseqüências.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLVIII)

MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO E ADMIRAÇÃO

Depois de terem sido cumpridas as formalidades legais, em particular, a quarentena imposta a todos os imigrantes, as viagens continuavam para quem tinha como destino o Rio Grande do Sul. O último porto marítimo era Rio Grande. Daí em diante, em embarcações menores, subiam a Lagoa dos Patos até Porto Alegre. Por fim, a última etapa até o destino final em alguma das quatro Colônias, que podia começar por via fluvial, continuar em carros de bois e terminar a pé. Assim o roteiro ficava completo. Começava a desafiadora construção dos sonhos de uma vida melhor. Mas havia momentos de descontração.

Antônio, avô de Andréa, viveu sob o domínio austríaco quase toda a vida. Quando soube que o filho queria viajar para o Brasil, exultou de alegria gritando: “E vivaaa l'Américaaaa”. Ele contava 77 anos de idade. A vida na América, provavelmente, seria curta, mas embarcou feliz como ninguém. O fato que segue mostra a verdade deste entusiasmo, segundo conta Andrea Pozzobon.

“Retidos oito dias em Porto Alegre, acomodamo-nos em galpões nas proximidades da Praça da Harmonia. Tínhamos de aguardar ordens das autoridades relacionadas com nosso destino. “Dio mio”, quanta fartura – carnes de gado bovino, suíno, ovino, de aves e de peixes. Verduras e frutas, principalmente bananas e melancias. Ficamos impressionados com o tamanho destas, tanto que, ao partirmos uma, depois do almoço, comemos a valer e ainda sobrou um bom pedaço. “Il nonno” soltou um tremendo arrotto e comentou: “Mi son rivato qua ghe gera il leon baio, i tigrì e i macachì. Adesso magno un bel cocomero”. (Eu cheguei aqui onde teria o leão baio, tigres e macacos. Agora como uma bela melancia). E para completar o entusiasmo, acrescentou Andrea Pozzobon: “uma certa manhã, meu pai foi ao mercado, não resistiu e comprou um cacho inteiro de bananas. Contamos pacientemente as frutas, eram 124 e comemos até enjoar”.

O gosto pelas bananas, parece, não abandonou os Pozzobon, tanto que Andrea, em sua primeira viagem de retorno à Itália em 1905, aproveitou a parada no Rio de Janeiro para repetir a façanha do pai. Comprou um cacho de bananas.

Os depoimentos dos familiares do velho Mateus Busanello, vindos em 1884, não deixam dúvidas desta admiração pela abundância de alimentos: “A abundância é escandalosa. Trigo, mandioca, feijão, manteiga, ovos, lingüiça, salame, leite, verdura e tudo o que é de cereal; depois galinha, porco, vaca, ovelha, cabra, sem falar nas frutas e no vinho, nas caças de toda espécie e de todo tamanho. Falar em carestia de vida, aqui? É insulto! Vagabundagem, isto sim! Até o vadio não passa fome”. A admiração ficou maior quando, logo a seguir, fizeram uma plantação num roçado que tinha a superfície de mais de quatro vezes um “campo” que eles cultivavam na Itália.

Certamente, os primeiros imigrantes não encontraram tamanha fartura, já conseguida com o seu trabalho, pois tiveram de se contentar, em certos momentos, com os pinhões para matar a fome.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (XLIX)

O NAVIO, A GRANDE ESCOLA

A maioria dos estudiosos da história da imigração italiana refere-se à viagem de navio como um tempo de muitos dissabores e um ambiente de tratamento desumano. Essa maneira negativa de narrar a travessia marítima, que durou em torno de 40 dias, deve-se em grande parte à comparação com o tráfico de escravos. Essa comparação se justifica por duas razões. A primeira pela proximidade temporal. A lei que proibiu o tráfico de escravos é de 1850, sem esquecer que continuaram as práticas clandestinas. A Lei do Ventre Livre é de 1871. E, por fim, a Lei Áurea é de 1888. Portanto as práticas da escravidão estavam muito presentes.

A segunda razão, que poderia justificar a comparação entre os emigrantes e os escravos, foi o objetivo de substituir o trabalho escravo pela mão-de-obra do trabalhador livre, no caso, os emigrantes. Entretanto, os patrões, salvo algumas exceções, continuavam tratando os trabalhadores livres como se fossem escravos.

Não se pode negar as enormes dificuldades enfrentadas pelas razões mais diversas, nem mesmo o tratamento pouco humano dispensado aos emigrantes, seja na travessia marítima, seja nas últimas etapas da viagem, seja no quase abandono em meio ao ambiente hostil da floresta. Entretanto, é possível identificar alguns aspectos positivos durante essa aventura migratória que, hoje, poderia ser chamada de loucura.

Esse conjunto de possíveis aspectos positivos poderia ser agrupado em torno da idéia de pedagogia. Sim, o navio pode ser observado como uma grande escola. A idéia não é minha, mas a assumo integralmente. Posso me enganar, mas acredito que o primeiro, talvez, o único, a olhar o navio da travessia como uma escola, onde se desenvolveu uma ação educativa espontânea, foi o Frei Rovílio Costa. No navio traço-se a base do perfil sócio-antropológico do imigrante e de seus descendentes, hoje, chamados de ítalo-gaúchos.

A primeira grande lição girou em torno da própria identidade dos emigrantes. Sempre se fala que eram emigrantes italianos, mas para eles essa idéia não estava bem definida. Em primeiro lugar, a unificação italiana se dera há pouco tempo. Tempo muito curto para que todos os habitantes da Itália se reconhecessem como cidadãos da Itália unificada. Entre eles reconheciam-se mais precisamente com a sua região e cidade natal de origem. Assim, eles se apresentavam como vênnetos, trevisanos, veroneses, bergamascos, trentinos, lombardos, friulanos, piemonteses, toscanos, beluneses, etc. Durante muito tempo, os próprios descendentes continuavam referir-se aos outros desta maneira, especialmente, quando havia certa animosidade entre eles. A denominação de italiano valia em relação às outras etnias ou aos órgãos governamentais.

Um aspecto positivo está vinculado às novas amizades. Os casos devem ser muitos. Um exemplo concreto foi a amizade entre as famílias de Ana Rech e a de Inocente De Carli. Ana pretendia fixar-se perto dos novos amigos. Não conseguiu por exigências das normas de distribuição dos lotes. Mas a amizade permaneceu.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (L)

O COMEÇO DE UMA NOVA LÍNGUA

O primeiro grande ensinamento mostrou as diferenças de identidade particular entre os imigrantes, a partir das cidades e regiões de origem, e encaminhou o processo da construção de uma identidade comum, a de ser italiano. Neste sentido, é preciso observar que a italianidade que eles assumiriam não seria idêntica à italianidade daqueles que ficaram na Itália. A italianidade dos emigrantes assumiria características e influências da Pátria de adoção.

Um ponto fundamental desta italianidade diz respeito à língua. Da mesma maneira que foram observadas diferenças entre eles, enquanto se apresentavam como beluneses, veroneses, trevisanos, trentinos, etc., também foram observadas as diferentes maneiras de falar, embora na sua maioria falassem vêneta. e a língua vêneta tivesse sido durante mais de dez séculos a língua oficial da República Sereníssima de Veneza. A exceção maior eram os friulanos. Pela fala cada um era reconhecido como oriundo de tal ou tal cidade.

Deliso Villa escreveu: "Em 1861, de 26 milhões de habitantes, apenas 600 mil falavam o italiano. Vinte cinco anos depois, de cada 100 italianos, ao menos 70 assinavam com uma cruz em lugar do nome. Nas escolas do Reino usava-se abundantemente o dialeto. No Vêneto falava-se freqüentemente de "*Itália*" e de "*Italgiani*". Na Sardenha e nas zonas de montanhas o catecismo era impresso em italiano e em dialeto. Até o Rei era fraco em italiano; na Corte usava-se mais o piemontês que a língua de Dante". O italiano oficial, apenas, para lembrar, era o dialeto toscano, falado em Florença.

Júlio Lorenzoni, em suas Memórias, registrou: "Em qualquer canto do vapor só se escutava um vozerio incompreensível de dialetos, a maior parte vênets e lombardos, muitos dos quais eu não entendia absolutamente, de modo que permanecia admirado ouvindo tantos vocábulos novos, procurando adivinhar-lhes o significado". O mesmo fenômeno é lembrado no Diário de A. Pozzobon.

Não fica difícil imaginar as confusões que devem ter surgido nos primeiros dias de convívio nos estreitos espaços do navio. Os quarenta dias de convivência, certamente, cada um foi se acostumando a ouvir e tentar entender as falas dos outros. Neste esforço de mútua compreensão começava ser traçada uma nova língua para a nova italianidade.

Neste momento, é preciso sublinhar outra diferença entre a língua oficial da Itália do outro lado do mar, e a língua espontânea da Itália do lado de cá. Lá, o italiano oficial foi constituído por decreto do Governo. Aqui, de maneira natural e espontânea foi se formando uma nova língua com a composição de palavras de vários dialetos e, posteriormente, com a adoção de palavras do português.

Esta nova língua é chamada de Talian. É reconhecidamente uma verdadeira língua, pois tem os requisitos fundamentais: alfabeto, gramática e léxico. Para completar seu reconhecimento, graças ao trabalho da FIBRA, comandada por Paulo Massolini, o Talian está sendo inventariado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.